



[Artigos](#)

O cultivo de ostras como modelo de aquicultura ecológica para o desenvolvimento das comunidades litorâneas do Brasil

[quarta-feira, 7 de outubro de 2009](#) [Editor Geral](#) [1 Comentário](#)

Nas últimas décadas, a aquicultura apresentou crescimento superior a qualquer outro sistema de produção animal. De acordo com a [Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação](#) (FAO), os índices de crescimento apresentaram uma média mundial de 8,8% por ano desde 1970. No mesmo período, a produção pesqueira apresentou taxas de 1,2% ao ano e a pecuária, taxas de 2,8%. Em parte, esse crescimento se deve ao colapso da pesca em todas as regiões do mundo.

Diante da importância sócio-ambiental da aquicultura como alternativa ao esgotamento dos estoques pesqueiros, a atividade foi considerada como a “revolução azul”, o futuro mundial na produção de alimentos. Entretanto, como qualquer prática de produção agrícola ou pecuária, essa atividade gera impactos ao meio ambiente. Dessa forma, é fundamental que as relações existentes entre aquicultura e ambiente possam ser mantidas com base no desenvolvimento local sustentável. Dentro desse contexto, atualmente discute-se sobre a adoção de práticas que permitam reduzir os impactos ambientais através da “aquicultura ecológica”. O termo pode ser definido como um modelo de produção aquícola que incorpore os princípios ecológicos do funcionamento dos ecossistemas, os aspectos sociais e o desenvolvimento de comunidades.

A malacocultura ou cultivo de moluscos bivalves (ostras, mexilhões, vieiras e berbigões) é a que mais se aproxima de um modelo de aquicultura ecológica. Caracteriza-se por pouco alterar a paisagem original das regiões, pois não é necessário movimentar grandes quantidades de terra para construção de viveiros, nem desmatar mangues e/ou matas nativas. Apresenta um baixo impacto ambiental, utilizando os ambientes naturais previamente gerados e posteriormente reciclados pela natureza.

A malacocultura representa uma parcela significativa da produção mundial de pescado e cresceu de 3,3 milhões de toneladas em 1990 para quase 12 milhões de toneladas em 2005. Na América Latina e Caribe, a produção de bivalves aumentou de 10.323 toneladas em 1993 para 128.418 toneladas em 2005 e o Chile é o principal produtor, com 99.486 toneladas, seguido de Brasil e Peru.

No Brasil, a produção aquícola é relativamente baixa quando comparada a outros países, mas vem apresentando um crescimento acelerado. A produção total aumentou aproximadamente de 30.000 toneladas em 1990 para 176.531 toneladas em 2000. A contribuição da aquicultura na produção nacional de pescado aumentou de 4,3% em 1994 para 28,1% em 2003, quando foram produzidas 278.128 toneladas.

O cultivo de moluscos foi introduzido em 1960, mas só em 1989 desenvolveu-se como uma importante alternativa econômica para pescadores artesanais, contribuindo para a fixação das comunidades tradicionais em seus locais de origem. A produção está concentrada nas regiões Sudeste e Sul e é representada principalmente por mexilhões que contribuíram com 13.000 toneladas em 2005, e ostras, com 3.700 toneladas. A ostra do Pacífico (*Crassostrea gigas*) é a espécie mais cultivada no país, em águas mais frias da região Sul, e as ostras nativas (*C. brasiliana* e *C. rhizophorae*) são produzidas em diferentes escalas em quase todos os estados litorâneos de sul ao norte do Brasil.

A despolarização do cultivo de moluscos e de seus benefícios sócio-econômicos das regiões Sudeste e Sul para as regiões Norte e Nordeste está baseada no cultivo das ostras nativas que são comumente extraídas nos manguezais e consumidas em vários estados dessas regiões. Na região Nordeste, o potencial para a produção de ostras nativas é elevado, mas existem poucas unidades de cultivo instaladas.

Na região Meio-Norte, os estuários dos Estados do Piauí e do Maranhão são exemplos do mau aproveitamento da capacidade para a ostreicultura. Apesar da alta produtividade primária, da boa qualidade da água e da disponibilidade de áreas propícias para cultivo, atualmente a produção de ostras é, em sua grande maioria, originada da captura no ambiente natural. Durante a plenária do II Seminário de Ostreicultura do Baixo Parnaíba, realizado em maio de 2006, comerciantes afirmaram que a produção é insuficiente para atender a demanda do mercado consumidor de Fortaleza (CE) que chega a importar ostras produzidas em Santa Catarina.

Uma das limitações para o desenvolvimento do cultivo de ostras nativas é a correta identificação das espécies. A grande variação genética e da taxa de crescimento das ostras no litoral brasileiro merecem estudos mais aprofundados que elucidem suas características genéticas e fisio-ecológicas. A ocorrência da espécie *C. brasiliana* com crescimento bastante superior à *C. rhizophorae* abre novas fronteiras que podem aumentar a produtividade dos cultivos e fortalecer a atividade no território nacional.

Dentro deste contexto, a [Embrapa Meio-Norte](#) conduz, desde 2003, projetos voltados ao cultivo de ostras nativas na região do Baixo Parnaíba. A Unidade também integra a Rede Nacional de Pesquisa em Ostras que tem o objetivo de

realizar a caracterização genética e a identificação das espécies e populações de ostras nativas, bem como estabelecer um programa de melhoramento genético através da seleção de linhagens adaptadas a diferentes condições ambientais ao longo do litoral brasileiro.

AUTORIA

Angela Puchnick Legat
Pesquisadora da [Embrapa Meio-Norte](#)